

JAROSLAV PELIKAN

# *a* TRADIÇÃO CRISTÃ

UMA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA DOCTRINA

2



  
SHEDD  
PUBLICAÇÕES

# Sumário

PREFÁCIO .....	7
PRINCIPAIS FONTES .....	11
A LUZ DO ORIENTE (EX-ORIENTE LUX) .....	27
1. A AUTORIDADE DOS PAIS .....	33
A verdade imutável da salvação .....	35
As normas da doutrina tradicional .....	41
Os concílios e suas realizações .....	47
O conhecimento do incognoscível .....	55
2. A UNIÃO E A DIVISÃO EM CRISTO .....	61
A dualidade das hipóstases de Jesus .....	63
A natureza encarnada e única do Deus Logos .....	73
As ações e as vontades uníssonas .....	86
Cristo o homem universal .....	100
3. AS IMAGENS DO INVISÍVEL .....	115
As imagens gravadas e não gravadas .....	117
As imagens como ídolos .....	128
As imagens como ícones .....	140
A melodia da teologia .....	155
4. O DESAFIO DA IGREJA LATINA .....	167
A ortodoxia da Antiga Roma .....	168
A fundação da política apostólica .....	177
As origens teológicas do cisma .....	190
O filioque .....	202

5. A VINDICAÇÃO DO MONOTEÍSMO TRINITÁRIO .....	217
A Trindade e o Shemá .....	218
O mal e o Deus de amor .....	234
O único Deus — e seu profeta .....	246
O Deus dos filósofos .....	261
6. A ÚLTIMA FLORESCÊNCIA DA ORTODOXIA BIZANTINA .....	271
O místico como novo teólogo .....	273
A ruptura final com a doutrina ocidental .....	289
A definição da particularidade oriental .....	299
O aparente herdeiro .....	314
OBRAS SELECIONADAS SECUNDÁRIAS .....	317

# Prefácio

*O espírito do cristianismo oriental* é o segundo volume dos cinco da minha história da doutrina cristã. Ele pretende continuar a narrativa iniciada com o primeiro volume e trazer o relato ao longo de seus desenvolvimentos bizantino, siríaco e russo, em seu primórdio, até o fim do século XVII. A continuidade dessa história partindo de *O surgimento da tradição cristã*, de muitas maneiras, é a estrutura mais óbvia desta exposição: o maior insulto que se faria a qualquer teólogo interpretado aqui — independentemente de ele ser calcedônio, monofisita, nestoriano, iconoclasta ou de qualquer outra linha — seria chamá-lo de “mente criativa”. Conforme observo repetidamente neste volume, as citações podem com frequência ter atravessado dois ou três ou até mesmo cinco séculos sem violação no texto. Contudo, há mais mudanças e desenvolvimentos (que usualmente pretendemos por “história”) aqui que os participantes reconheceram. Tento fazer justiça à continuidade e à mudança e também às sutis relações entre continuidade e mudança.

Um problema editorial levantado por essa circunstância é a relação entre o segundo volume e o primeiro. Por minha própria definição, exposta no prefácio do primeiro volume, pretendo que cada volume se sustente sozinho; este segundo volume não é exceção. Todavia, o próprio tradicionalismo dos teólogos com quem estive lidando tornam inevitáveis as referências cruzadas aos cinco primeiros séculos da igreja. Tentei evitar a necessidade de recontar toda a história do volume 1 recapitulando essa história como foi entendida pelo século VII e os que se seguiram a ele, dessa vez sem entrar diretamente na questão de quão acuradamente eles podem ter interpretado sua tradição. Para este volume é mais importante saber o que Máximo, o Confessor, ou Fócio pensavam sobre o Concílio de Niceia que saber como o próprio credo



de Niceia se desenvolveu. É assim que tento preservar a autonomia de cada volume e ainda manter a unidade da obra como um todo.

De acordo com esse princípio de trabalho, trato aqui os cinco ou seis primeiros séculos da história da doutrina cristã como um dado determinado, embora esteja bem consciente de sua heterogeneidade. Na bibliografia para este volume, também concentrei minha atenção nas obras que transmitem a história ao longo dos séculos cobertos aqui. Se estivesse escrevendo a história da doutrina cristã em sentido contrário, começando pelos séculos XIX e XX e indo para os séculos iniciais dessa história — uma ideia intrigante da perspectiva intelectual e impossível do ponto de vista metodológico — poderia, com certeza, considerar o século VII de maneira bem diferente e também produziria outro tipo de bibliografia. Mas incluí na bibliografia as obras mais instrutivas sobre o curso do pensamento cristão oriental. Seleccionei-as com base em uma combinação de dois critérios: as obras que mais me ensinaram e as que levarão meus leitores ao estágio seguinte da discussão acadêmica. Como a lista de obras citadas deixa claro, esses dois critérios, com frequência, são discordantes; pois me beneficei principalmente da erudição oriental, em especial da russa (a algumas das quais faço meu tributo), enquanto minha bibliografia tem obras em línguas ocidentais que foram menos influentes na determinação das minhas próprias interpretações, mas às quais é mais fácil ter acesso. Um fator adicional na determinação da bibliografia é o claro problema da quantidade. Sem contar os itens na lista de alguém, tenho certeza de que há mais monografias de primeira linha sobre a teologia de Agostinho que sobre toda a história teológica de Bizâncio. Isso me compeliu a incluir obras cujas contrapartes na literatura acadêmica sobre os primeiros séculos não citei no volume 1. Inversamente, não repeti obras citadas ali a menos que fossem essenciais para meu relato desses séculos. No entanto, um lugar em que não fiz essas concessões é na citação das principais fontes, essas continuei a citar, como fiz no volume 1, na melhor edição disponível do texto original, independentemente de sua origem.

Talvez o título deste volume mereça comentário. No sumário e no prospecto da obra completa, que formulei pela primeira vez em 1950, esta seção tinha o título de “A mente do cristianismo ortodoxo oriental”. Das duas principais revisões nesse título, a eliminação do termo “ortodoxo” se justifica pelo aprofundamento da minha consciência de que as igrejas não calcedônias, às quais o termo “ortodoxo” não é usualmente aplicado por todos os demais, exceto por elas mesmas, têm um lugar legítimo nesta história. A substituição de “mente” por “espírito” é uma questão mais sutil. Ela foi motivada em parte pela minha expectativa, compartilhada por todos os estudiosos sérios do

período, de que a publicação de *The Mind of Byzantium* [A mente de Bizâncio], de Milton V. Anastos, apropriou-se assim do termo “mente”; gostaria de ter tido o benefício da impressão do termo enquanto empreendia este projeto. Outra fonte da palavra “espírito”, suponho, é a literatura da *Geistesgeschichte* (história intelectual) alemã, à qual devo muito. No entanto, neste caso presente, essa dívida é em grande parte indireta, tendo sido contraída pelo empréstimo da obra de estudiosos de origem eslava, acima de tudo, da obra de T. G. Masaryk, cujo livro *Rusko a Evropa* [Rússia e Europa] foi meu primeiro livro texto para o estudo do “espírito do cristianismo oriental”; é interessante o fato de que a tradução do livro de Masaryk recebeu o título *The Spirit of Russia* [O espírito da Rússia]. Não tenho consciência da natureza problemática da *Geistesgeschichte*, mas para meus propósitos parece que essa dívida se transformou em algo benéfico.

É provável que o problema linguístico, representado especialmente pela transliteração de nomes e pela tradução de termos técnicos, tenha me trazido mais horas de inquietação que o problema metodológico. A transliteração é especialmente complicada quando o mesmo nome é usado em mais que um alfabeto. Tentei ficar em um meio termo entre a meticulosidade literal e a uniformidade instintiva. A tradução de palavras técnicas teológicas, obviamente, é muito mais delicada. Talvez a melhor ilustração do problema aconteça no capítulo 2, em que o termo grego *energia* pode facilmente ser traduzido por “energia” (a não ser pelo fato de que não é o que a palavra “energia” significa para nós) ou como “operação” para se adequar ao latim (a não ser pelo fato de que essa tradução é ainda mais nebulosa); depois de tentar diferentes conjuntos de termos, finalmente resolvi por “agir”, “ação” e “atividade”, em parte porque esses termos me capacitam a fazer algumas das distinções feitas pelo grego. Por motivos semelhantes, usei “imagem”, “ídolo” e “ícone” no capítulo 3, embora essas palavras, no inglês, com frequência, traduzam o mesmo termo grego.

Por fim, quero agradecer aos que contribuíram para este livro. Além daqueles que mencionei no prefácio do volume 1 como meus benfeitores para a obra completa, tenho de destacar diversos estudiosos da história e cultura bizantinas que acolheram graciosamente um amador em seu círculo encantado e o beneficiaram com seu conselho: George V. Florovsky, meu querido mentor que modelou minha perspectiva básica sobre o cristianismo oriental; Francis Dvornik, cujas palavras tchecas foram minha introdução na história bizantina; Deno Geanakoplos, meu colega e amigo, cuja contribuição para estas páginas vai muito além de minhas referências explícitas a suas obras publicadas; e a John Meyendorff, cuja história da teologia bizantina apareceu tarde demais para eu usá-la, mas cuja erudição histórica e conhecimento teológico contribuíram



muito para meu próprio relato. Agradecendo a esses estudiosos e a outros cujos conselhos me ajudaram em muitas dificuldades, tenho, não obstante, de seguir as convenções de autoria histórica e admitir que todos os erros que permanecem neste livro são meus.

# <sup>a</sup> TRADIÇÃO CRISTÃ

UMA HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA

## O ESPÍRITO DO CRISTIANISMO ORIENTAL 600 - 1700

“É um prazer salutar esta obra de arte de exposição... O livro segue o curso como um grande rio, desviando-se facilmente dos terrenos das maiores diversidades – as grandes controvérsias do século VII, o debate sobre imagens nos séculos VII e XIX, as atitudes em relação aos judeus, aos mulçumanos, às heresias dualistas da Alta Idade Média, às igrejas da Europa Oriental da pós-Reforma... Este livro se supera ao ser um estudo da religião do cristianismo oriental como um todo.”

*New York Review of Books*

A linha que separa o cristianismo oriental do ocidental no mapa medieval é semelhante à “cortina de ferro” de tempos mais recentes. As barreiras linguísticas, as divisões políticas e as diferenças litúrgicas se combinam para isolar as culturas uma da outra. Com exceção de episódios, como a divisão entre o Oriente e o Ocidente ou as Cruzadas, o desenvolvimento do cristianismo não ocidental tem sido vastamente ignorado pelos historiadores da igreja. Em *O espírito do cristianismo oriental*, Jaroslav Pelikan explica as divisões entre o cristianismo do Oriente e do Ocidente, identificando e descrevendo o desenvolvimento das formas distintas assumidas pelas expressões grega, siríaca e eslava da doutrina cristã.

“Este segundo volume da monumental obra *A tradição cristã*, do professor Pelikan, é o mais abrangente tratamento histórico do pensamento cristão oriental de 600 a 1700. A reinterpretação de Pelikan é um fenomenal evento erudito e ecumênico.”

*John Meyendorff*

“Este livro demonstra o mesmo domínio da literatura teológica antiga e moderna, a mesma clareza analítica penetrante e apresentação equilibrada das contendas conflitantes que fez de seu predecessor um tratado intelectual ímpar.”

*Virginia Quarterly Review*

Jaroslav Pelikan (1923-2006), autor de mais de trinta livros, era erudito em História do Cristianismo e Teologia Cristã. Foi professor de história na Yale University.

  
SHEDD  
PUBLICAÇÕES

